



COMPRAR, COMPRAR, COMPRAR

Ruben era um rapaz que passava a vida no centro comercial. Só comprava roupas de marca. Só comia na pizzaria ou no McDonald's. Só via o mundo pelo cinema. Só subia escadas rolantes. Só falava com os amigos nos corredores apinhados de gente. Só sabia que era Primavera quando das montras retiravam os casacos e vestiam os manequins com roupas leves, coloridas.

Quando chegava o seu dia de anos era sempre um problema escolher entre os milhares de objectos expostos no centro comercial.

— Que prenda gostavas de receber? — perguntaram-lhe os pais quando faltava uma semana para essa data maravilhosa, 29 de Junho.

Ele não se atrapalhou.

— Ah, quero tantas coisas... jogos para a minha consola, uns ténis *Nike*, um blusão *Adidas*, um filme fantástico em DVD, uma televisão panorâmica, uma agenda electrónica, um telemóvel com máquina fotográfica, um gel verde para os cabelos, uma esferográfica com cheiro a Coca-Cola, uma mochila transparente, umas meias com monstros extraterrestres, um brinco para a orelha esquerda, uma tatuagem de uma águia, umas calças pretas com vinte bolsos, cadernos novos com retratos dos craques do futebol, uma caixa de chocolates com recheio de ginja, uns boxers com as sete cores do arco-íris, um porta-chaves com lanterna, uns óculos escuros de marca, um...

— Mas que loucura! — exclamou a mãe. — Pensas que somos milionários?

— Ora — replicou o Ruben —, para que serve o dinheiro? E se não o tiverem, podem usar o cartão de crédito. Compram agora, pagam depois. É o que toda a gente faz no centro comercial.

O pai estava estupefacto.

— Ao que chega a sociedade de consumo! Só quer gastar...

— Claro! — disse o rapaz. — O meu sonho era ter uma máquina multibanco portátil para estar sempre prevenido. Com notas a saltar a toda a hora...

Nas noites seguintes, os pais, em vez de ficarem paralisados diante da televisão, como era hábito, puseram-se a cochichar.

Chegou finalmente o grande dia. A sala estava enfeitada com balões e um belo bolo de anos resplandecia em cima da mesa. Mas não se vislumbrava qualquer embrulho. Os pais deram-lhe os beijos da praxe e entregaram-lhe um envelope.

— Dinheiro! — entusiasmou-se ele. — Só pode ser dinheiro! Assim escolho a prenda à-vontade.

Abriu o envelope, radiante. Como é bom comprar, comprar, comprar! Que desilusão! Encontrou apenas um bilhete de camioneta para Vilar de Lagartixas.

— Que brincadeira de mau gosto é esta? — gritou o Ruben. — Se acham que devo viajar, porque não vamos até as ilhas Seicheles, porque não fazemos um safari no Quênia ou subimos ao topo dos arranha-céus de Nova Iorque? Na América há, de certeza, centros comerciais fantásticos. Vilar de Lagartixas não vem anunciado nas agências de viagens... Que vão pensar os meus colegas?

A mãe ainda deitou uma lagrimita do olho esquerdo, mas o pai mostrou-se intransigente:

— Só te vai fazer bem conhecer uma terra diferente, onde não se passa a vida a gastar dinheiro!

Ruben escondeu assim de toda a gente o seu destino. Que vergonha! Que desilusão! O rapaz fez a mala a contragosto e embarcou, furioso, numa camioneta desengonçada. Desligou o telemóvel, rasgou o papel de carta que lhe tinham dado. Ninguém havia de ter notícias dele. Era a sua vingança.

Passaram os dias, as semanas, mais de dois meses. Ia começar novamente o tempo de aulas. Que seria feito do Ruben? Teria conseguido sobreviver numa aldeola perdida, sem centros comerciais? Teria enlouquecido?

Foi com preocupação que a família o esperou na estação rodoviária no dia apazado.



Em vez de sair de um autocarro de passageiros, apeou-se de uma camioneta de carga. A principio nem conseguiram reconhecê-lo. Vinha mais alto, entroncado, com um sorriso nos lábios.

— Então? Conheceste a pobreza?

— Não! — respondeu o rapaz com convicção.

A mãe ficou admirada.

— Disseram-me que nem há luz eléctrica naquele lugarejo.

— Mas milhares de estrelas iluminam a noite — explicou ele. — É uma maravilha!

A irmã franziu o nariz.

— Mas têm piscina?

— Para quê? Havias de ver a praia junto ao rio. Pode-se nadar, passear de barco, pescar trutas.

— Eu não podia viver sem um ginásio, para me manter em forma — continuou ela, sempre preocupada com a elegância.

— Não encontrei lá balofas como tu. As pessoas fazem ginástica ao ar livre, a passear e a trabalhar. Tu pagas “para fazer ginástica”... És mesmo parva.

O pai já estava a desconfiar de tanta mudança.

— Não tiveste saudades do nosso carro? Insististe tanto para eu comprar este modelo...

— Ora, montei cavalos, que correm sem precisarem de estradas. E não pagam multa por pararem fora do parque de estacionamento. (Era o que acontecia ao pai.) Se o cavaleiro adormecer, até voltam sozinhos para casa. O teu carro, por acaso, conhece o caminho de casa?

Depois, muito sentencioso (até já parecia o avô Augusto!), cruzou os braços e disse:

— Fizeram bem em mandar-me para lá. Descobri que o dinheiro não é tudo na vida. Tive tempo para pensar e trouxe-vos uns presentes...

Trepou para a traseira da camioneta e apareceu com um leitão, que logo começou a grunhir.

— É para tu criares, mãe. As bifanas do talho não se comparam com as dos porcos caseiros.

— Que horror! Onde é que eu meto este bicho? Só se for dentro da banheira...

O rapaz foi novamente até à camioneta e retirou uma cerejeira, que entregou à irmã.

— Mana, não há brincos mais lindos que cerejas acabadas de colher.

E, para provar que era verdade, pendurou-lhe dois frutos bem vermelhinhos numa orelha....

— Como é que eu planto esta árvore, se nem temos varanda? — exasperou-se ela. — Só se for no passeio... Mas está atravancado de carros...

No entanto, o melhor estava ainda para vir. Foi pela terceira vez à camioneta, assobiou e de lá saltaram cinco cães muito peludos.

— Como vocês queriam comprar um alarme por causa dos assaltos, agora têm o problema resolvido. Com estes guardas ninguém entra lá em casa. Não tive uma boa ideia?

O pai empalideceu. Cinco cães! Quem é que ia passear com eles? Punham-se a dormir na sala? Que despesa para dar de comer a tanta canzoada!

Meteram-se no carro, apertados entre a árvore, o porco e os canídeos a ladrar.

— Para já fica tudo na garagem do prédio! — resolveu o pai.

Mas os vizinhos é que não acharam graça nenhuma!

— Isto não é uma pocilga, nem um canil nem uma horta. Tirem essas especialidades daqui para fora!

E que remédio senão obedecer...

Ruben ria à gargalhada, a irmã troçava, os pais afligiam-se, num desespero....

— Ó mano, não tens saudades do centro comercial? Podíamos ir comer uma pizza... — lembrou a irmã.

— Mas onde deixamos os presentes? — retorquiu a mãe — Em casa não, que me sujam tudo!

— No carro ainda menos, que me destroem os estofos — ripostou o pai.

— Ótimo! Vão connosco! — decidiu logo o Ruben. — Mas eu quero ir a pé! Hoje já fiz 400 quilómetros sentado. Até estou enjoado!

A mãe mal conseguia andar na calçada com as botas de saltos altos, muito fininhos, que se metiam entre as pedras. A irmã estava bem cansada.... O pai via-se aflito com os cinco cães à trela, cada um a puxar para seu lado. Ruben divertia-se com a árvore debaixo do braço e o leitão às costas....

As pessoas paravam nos passeios para admirar aquela família extravagante. Finalmente chegaram. O segurança não queria deixá-los entrar mas o pai calou-o logo.

— Somos vendedores. Esta é a nossa mercadoria.

Dirigiram-se à loja de animais e, aí, o pai e a mãe trataram logo de deixar os cães e o porco.

De seguida, entraram na loja de plantas e a dona comprou-lhes imediatamente a cerejeira. Fazia um vistão no meio dos vasos com flores.

— Arranjámos algum dinheiro com as prendas que trouxeste de Vilar de Lagartixas! — exclamaram os três.

— Agora já podes comprar algumas das prendas que querias para os teus anos. Estás contente?

— Não diziam que eu era um consumista? Que só queria gastar dinheiro? Pois vou já comprar bilhetes de camioneta para irmos todos passar férias juntos, no Natal, a Vilar de Lagartixas!

